

Erosão linguística na aquisição bilingue português – umbundu: evidências no domínio da formação do plural

Bernardino Valente Calossa* & Cristina Flores**

*Universidade de Coimbra, **Universidade do Minho/CEHUM

Abstract:

The present study assesses the linguistic development of Portuguese-Umbundu bilingual speakers in Angola by focusing on the production of plural forms. In particular, we analyse if changes in the degree of language exposure, after entering into the school, favor the occurrence of attrition in Umbundu, the home language, in parallel to the development of Portuguese, the dominant school language. A group of 28 bilingual students (14 3rd grade primary school students and 14 teenagers attending the 9th grade) and 28 age-matched monolingual speakers of Portuguese participated in a picture-based oral production elicitation task. The results show that the 3rd grade students have more difficulties in producing the plural in Portuguese, especially in situations where they have to apply particular rules (e.g. replace *-ão* with *-ões*), compared to Umbundu, the language that forms the plural by changing nominal classes. However, older students (9th graders) show more difficulties in forming the plural in Umbundu. Although this is not a longitudinal study, the data suggest that the change in the degree of language exposure, as a consequence of schooling in Portuguese, may have contributed to this inversion, which leads us to infer that the family language is vulnerable to attrition effects.

Keywords: bilingualism, language attrition, plural inflection, Portuguese, Umbundu

Palavras-chave: bilinguismo, erosão linguística; formação do plural, português, umbundu

1. Introdução

A aquisição da língua materna é um processo que acontece desde o nascimento (ou mesmo no ventre materno) e se estende até à adolescência. Vários são os fatores que podem influenciar de forma positiva ou negativa o processo de desenvolvimento linguístico, sobretudo quando estamos perante a aquisição de duas línguas (Grosjean, 1982). Sabemos que, no caso da aquisição bilingue, as duas línguas em aquisição nem sempre são usadas de forma equilibrada pelo falante bilingue (Romaine, 1995), por isso, é elevada a possibilidade de uma das línguas ser dominante. Um processo que contribui para o desequilíbrio na competência de falantes bilingues é o fenómeno da *erosão linguística*, isto é, o declínio de conhecimento linguístico previamente adquirido, que pode levar à perda temporária ou permanente da capacidade de utilização de uma língua para fins comunicativos. A erosão ocorre em consequência da alteração do grau de exposição linguística às duas línguas do falante bilingue a certa altura da sua vida (Flores, 2008).

Autores como De Bot e Clyne (1994), Fillmore (1991), Flores (2008; 2013) e Schmid (2004), entre muitos outros, têm-se dedicado ao estudo da erosão linguística na aquisição bilingue e apontam os contextos de imigração e remigração como sendo aqueles que mais propiciam a ocorrência deste fenómeno linguístico, sendo a idade de imigração ou de retorno ao país de origem um fator comprovadamente importante nesse processo. Tal é o caso de um estudo realizado sobre a língua umbundu numa comunidade de imigrantes angolanos em São Tomé e Príncipe (Lorenzino, 2015).

Porém, partindo do pressuposto de que a erosão linguística pode acontecer noutros contextos que não sejam o de imigração, desenvolvemos esta pesquisa com o objetivo de verificar se este processo ocorre em falantes bilingues em Angola. O contexto angolano é um contexto multilingue em que quase todas as crianças do meio rural e uma parte significativa das que residem nos meios urbanos são expostas (ativa ou passivamente)



a mais de uma língua. A ordem e os contextos em que o português é adquirido neste território fazem com que esta seja a segunda língua materna (paralelamente a uma língua bantu) de uma parte significativa da população (Nzau, 2011). Nestes casos, a importância e estatuto que o português possui favorecem a sua hegemonia sobre a outra língua materna, uma das línguas autóctones angolanas, cujo grau de exposição é limitado ao contexto familiar e à comunidade em que a família está inserida. Por vezes, esta língua é utilizada por apenas alguns membros do agregado familiar. Além disso, o grau de exposição linguística sofre ainda um grande desequilíbrio no momento em que as crianças (bilingues, ou ainda não) ingressam na escola, lugar onde predomina o português e onde passam parte significativa do seu tempo.

Para avaliar o desenvolvimento linguístico de crianças e adolescentes bilingues de português-umbundu, nomeadamente a possibilidade de declínio da sua competência em umbundu após o ingresso na escola, o presente estudo centra-se no desempenho de 28 participantes relativamente à formação do plural nas duas línguas.

2. O bilinguismo em Angola

O contexto angolano é atualmente muito diversificado no que diz respeito ao domínio linguístico. Genericamente, podemos dizer que há, por um lado, uma zona urbana, onde vigora essencialmente o português, e uma zona rural, onde podemos encontrar o português em interação com as línguas autóctones de Angola, as quais “são consideradas minoritárias, uma vez que cada uma delas está confinada num espaço geográfico restrito em função da concentração do grupo etnolinguístico” (Manuel, 2015: 16).

A utilização de, pelo menos, mais uma língua além do português faz com que haja condições para que as crianças estejam expostas a mais do que uma língua logo à nascença. Assim sendo, as crianças que nascem no seio das diversas comunidades linguísticas podem ser categorizadas em dois grupos: (1) falantes monolíngues de português, as que falam somente o português (normalmente filhos de pais jovens, que não utilizam a outra língua em contexto familiar por opção ou porque não a dominam) e (2) falantes bilingues, quer simultâneos – aquelas que aprendem ao mesmo tempo as duas línguas ou iniciam a aquisição de uma delas até aos 3 / 4 anos de idade (estas constituem a maioria), quer sucessivos – aquelas que entram em contacto com o português apenas na escola, o que nas zonas rurais acontece muito tardiamente (por volta dos 6 ou 7 anos)¹.

Cruz (2013) apresenta dados que comprovam que, apesar de haver condições sociais para que a aquisição bilingue ocorra, muito cedo os falantes angolanos se apercebem da importância do português e, por isso, se interessam mais em aperfeiçoar as suas competências nessa língua, comprometendo o desenvolvimento da outra língua nativa. Além disso, é o português que os falantes começam a usar mais a partir dos 6/7 anos (por esta ser a língua de escolarização) e nas suas relações sociais, estando a utilização da outra língua reduzida ao contexto familiar.

3. A formação do plural em português e em umbundu

Segundo Villalva (2003: 927), “a flexão nominal recobre os nomes, no português, e realiza uma categoria morfossintática, o número, que possui dois valores: o singular e o plural”. A flexão é por definição obrigatória e sistemática nas suas realizações concretas. Estão no singular os nomes que “designam um ser único, ou o conjunto de seres considerados como um todo” e estarão no plural os nomes que “designam mais de um ser ou mais de um desses conjuntos” (Cunha & Cintra, 2014: 240). Assim, para a formação do plural, os morfemas de flexão são selecionados pelos radicais.

¹ Neste estudo adotamos a conceção de Meisel (1989) de bilinguismo simultâneo e sucessivo, por ter em conta essencialmente fatores relacionados com a ordem de aquisição de cada uma das línguas.



Em português, a maioria dos nomes apresenta uma forma para o singular e outra para o plural. O contraste é realizado pela presença ou ausência de um único sufixo (exemplo: *gato/gatos*) no final da unidade morfológica: “no singular, não existe nenhum sufixo para este valor de número, podendo admitir-se que esse valor de número é assumido por defeito; o plural dispõe de um sufixo próprio que é, em regra, *-s*” (Villalva, 2003: 927). Também existem, em português, nomes que têm uma flexão defetiva e nomes que, aparentemente, não realizam a flexão em número seguindo o padrão regular com o morfema *-s*. Cunha e Cintra (2014: 241-250) elencam, além da regra geral, em que os nomes terminados em vogal formam o plural através da adição do sufixo *-s*, um conjunto de exceções para a formação do plural dos nomes em português: (i) os nomes que terminam em *-r*, *-z*, *-n* ou *-s* formam o plural acrescentando a terminação *-es*²; (ii) os nomes que terminam em *-ão* formam o plural substituindo esta terminação por *-ãos*, *-ões* ou *-ães*; (iii) os nomes que terminam em *-al*, *-el*, *-ol* e *-ul*, formam o plural substituindo o *-l* por *-is*; e (iv) os nomes que terminam em *-il* formam o plural substituindo a terminação *-l* por *-s* ou por *-eis*. Ressalte-se que, além destas regras, existem ainda paroxítonos terminados em *-s* que são invariáveis.

No que se refere à formação do plural em umbundu, esta língua possui uma particularidade que é comum a todas as línguas do grupo bantu, porém diferente das línguas flexionais: é uma língua aglutinante, isto é, a distinção de número é feita por classes expressas através de afixos que se juntam ao nome. A distribuição dos nomes em classe é “que vai determinar as regras de concordância e de funcionamento das palavras dentro da frase” (Joaquim & Luís, 2016: 33).

Podemos, desta forma, definir classe nominal como sendo “o conjunto de nomes que possuem o mesmo prefixo e a mesma concordância em contextos frásicos” (Ngunga, 2004: 108). Assim, em umbundu, um sistema de emparelhamento dessas classes nominais permite distinguir as formas do singular das do plural (Ntondo, 2015). E, para que isso aconteça, antepõe-se ao radical um afixo de acordo com a classe a que o nome pertence, em substituição ou em combinação com o afixo da palavra no singular, como podemos ver nos seguintes exemplos:

- (1) a. **ombolo** (pão) → **olombolo** (pães): **o** [afixo do singular], **mbolo** [radical] → **olo** [afixo do plural], **mbolo** [radical].
 b. **emela** (folha) → **amela** (folhas): **e** [afixo do singular], **mela** [radical] → **a** [afixo do plural], **mela** [radical].

Desta forma, (i) a classe nominal plural *a-(oma³-)* integra nomes que no singular pertencem à classe nominal *u-(omu-)* e; (ii) a classe nominal plural *va-* integra nomes que no singular não possuem nenhum afixo; (iii) a classe *a- (ova-)* integra palavras que no singular pertencem às classes *e-/i-* e *u-/omu-*; (iv) a classe *ovi-* integra nomes que no singular pertencem às classes *u-(omu)* e *oci-*; (v) a classe *olo-* integra nomes que no singular pertencem às classes *o- (om-/on-)* e *olu-*; e (vi) a classe *otu-* integra nomes que no singular pertencem à classe *oka-*.

É importante referir que nem sempre essa distribuição funciona de forma linear, ou seja, existem na língua umbundu muitos casos de formas irregulares de enquadramento dos nomes em classes. Assim, verificamos que existem nomes que no singular pertencem a uma determinada classe, porém ao formarem o plural selecionam

² É importante referir que, do ponto de vista morfológico, a formação do plural de nomes terminados em *-r*, *-z*, *-n* ou *-s* segue a regra a geral, apesar de razões fonológicas exigirem a ocorrência de uma vogal epentética. É também a regra geral que se aplica em nomes terminados em *-ao* que, para formarem o plural, se lhes adiciona apenas um *-s*.

³ De acordo com Schadeberg (1986), os afixos entre parênteses representam uma variante da classe, podendo, portanto, ocorrer às vezes uma outras vezes outra forma.



afixos pertencentes a classes diferentes (**ukã**⁴; **uti**⁵ → **akã**; **oviti**) e existem palavras que podem selecionar mais do que um afixo (**ukã** → **akã** ou **ovakã**), podendo pertencer a uma ou outra classe. Além disso, algumas classes integram mais palavras do que outras e essa frequência é importante para questões de aprendizagem dessa estrutura, como veremos nos resultados.

4. Apresentação do estudo

4.1. Participantes

Participaram no presente estudo 56 alunos angolanos, divididos em quatro grupos. 28 participantes frequentavam o 3º ano de escolaridade. Destes, 14 são falantes bilingues de português e umbundu (doravante Bilingues 1) e 14 são falantes monolíngues de português (Monolíngues 1). Os outros 28 frequentavam o 9º ano de escolaridades, também estes divididos em 14 falantes bilingues (Bilingues 2) e 14 falantes monolíngues (Monolíngues 2). Os alunos do 3º ano frequentavam a Escola do Ensino Primário nº 1357, São José de Cluny, e os alunos do 9º ano o Complexo Escolar nº 1290, Padre Ernesto Lecomte, localizadas no município de Caconda. Esta localidade situa-se 236 km a norte da cidade do Lubango, capital da província da Huíla, no sul de Angola, onde a língua mais falada, depois do português, é o umbundu. Por este motivo, a maior parte das crianças, nessa localidade, é bilingue. De referir que as duas escolas estão localizadas no mesmo recinto, separadas apenas por um muro, pois a primeira pertence às mães e a segunda aos pais da Missão Católica da respetiva localidade. Os dados recolhidos dos participantes monolíngues serviram como base de controlo da evolução linguística dos grupos bilingues a português.

A média de idades dos participantes Bilingues 1 e Monolíngues 1 é de 7,6 (Desvio Padrão/DP = 0,46) e a média de idade dos participantes Bilingues 2 e Monolíngues 2 é de 16,03 (DP = 0,55). Quanto à idade de início de aquisição de cada uma das línguas, assumindo a proposta de Meisel (1989), definimos todos os participantes como bilingues simultâneos, pois adquiriram as duas línguas até aos quatro anos de idade. A Tabela 1 sintetiza essa informação:

Idade de início de aquisição dos participantes bilingues	Bilingues 1		Bilingues 2	
	Português	Umbundu	Português	Umbundu
0	11	12	8	12
1	0	0	0	0
2	1	1	5	1
3	1	1	1	1
4	1	0	0	0
Total	14	14	14	14

Tabela 1 – idade de início de aquisição dos participantes

Como demonstrado na Tabela 1, um participante do grupo Bilingues 1 começou a adquirir o português aos quatro anos. Dois participantes começaram a adquirir o português aos três anos e outros dois iniciaram a aquisição do umbundu com essa idade (dois de cada grupo bilingue). Seis participantes iniciaram a aquisição do português aos dois anos (cinco do grupo Bilingues 2) e dois começaram a adquirir umbundu com essa idade. Os restantes começaram a adquirir ambas as línguas desde a nascença. As razões dessas diferenças de início de exposição linguística às duas línguas são diversas. Há participantes que, no seio familiar, utilizam apenas o

⁴ Mulher

⁵ Pau



umbundu e o contato com o português começou apenas quando a interação foi alargada à sociedade e, posteriormente, à escola. Outros viviam em outras localidades (monolíngues ou em que se fala uma outra língua autóctone) e os pais mudaram-se para o município de Caconda. Nesses casos, as crianças começaram a adquirir o umbundu apenas depois de a família se ter mudado para esta região.

4.2. Método

O estudo assenta numa metodologia experimental, constituída por dois instrumentos de recolha de dados: um questionário de definição do perfil linguístico do participante (*Bilingual Language Profile*) e uma tarefa de produção oral provocada, aplicada nas duas línguas, para recolher dados de produção do plural.

4.2.1. *Bilingual Language Profile*

O *Bilingual Language Profile* (BLP) é um instrumento de recolha de dados desenvolvido por Birdsong, Gertken e Amengual (2012), que tem como objetivo avaliar a dominância linguística dos falantes bilingues, através de um conjunto de escalas quantificadas, relacionadas com a quantidade e o tipo de exposição linguística dos falantes, as suas atitudes face às línguas, a autoavaliação das suas competências em diferentes domínios. Para o presente estudo, optámos por adaptar o BLP, selecionando apenas os aspetos que nos pareciam mais relevantes para a nossa pesquisa. Estes aspetos são: a informação biográfica, que nos permitiu recolher informações como a idade, o sexo e a localidade em que os participantes residiam; o historial linguístico, o uso das línguas, a competência linguística e as atitudes linguísticas. A aplicação do BLP permitiu identificar o perfil linguístico dos participantes da nossa pesquisa e a sua consequente divisão em Monolíngues 1, Monolíngues 2, Bilingues 1 e Bilingues 2.

4.2.2. Tarefa de Produção Oral Provocada

O método experimental a que recorremos consiste na realização de duas tarefas de produção provocada, uma em português e a outra em umbundu. As tarefas foram concebidas de uma forma lúdica, de modo a que todos os participantes se sentissem à vontade ao realizar cada uma delas e para que não percebessem o fenómeno linguístico que estava a ser estudado. A tarefa foi chamada de “O Jogo da Memória” e consistia na apresentação de slides sucessivos em que vários elementos apareciam ou desapareciam. O investigador apresentava uma imagem inicial, perguntando ao participante o que ele via, mudava o *slide* e perguntava novamente ao participante o que tinha mudado na imagem. O participante, em resposta, produzia frases como “vejo uma casa” e “apareceram mais duas casas” ou “agora vejo duas casas”, respetivamente, como ilustrado na figura 1:

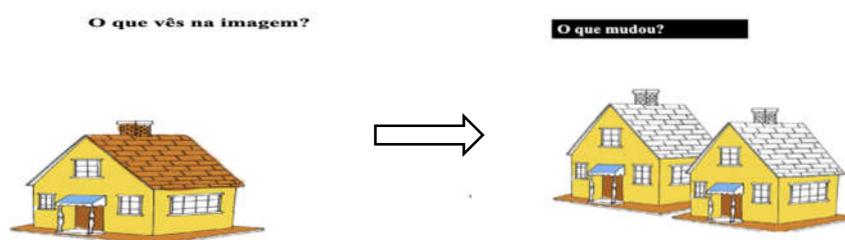


Figura 1 – Exemplos de itens experimentais da tarefa de produção do plural



Para descontrair os alunos ao longo da realização da tarefa, dávamos um ponto para cada acerto e os participantes mostravam-se cada vez mais motivados e faziam um esforço para memorizarem todos os elementos de um *slide* para acertarem na descrição do próximo. A realização da tarefa foi individual.

O teste continha 18 estímulos (18 imagens), dois para cada regra de formação do plural em português, exceto para a regra geral em que tínhamos quatro estímulos. Estes estímulos correspondiam, em umbundu, a quatro classes no singular que, ao formarem o plural, passam para outras quatro classes, conforme apresentado na Tabela 2:

Português	Nº de estímulos	Umbundu	Nº de estímulos
Condição -s	4	Condição olo-	8
Condição -ães	2	Condição a-/ova-	8
Condição -ões	2	Condição va-	1
Condição -ãos	2	Condição ovi-	1
Condição -res	2		
Condição -zes	2		
Condição -ais	2		
Condição -eis	2		
Total	18	Total	18

Tabela 2 – Condições testadas na tarefa de produção provocada

Os 8 estímulos da classe **a-/ova-** provêm de duas classes diferentes no singular: a classe **e-/i-** e a classe **u-/omu-** (*etemo*⁶ → *atemo*; *ukã*⁷ → *akai/ovakã*), sendo 5 provenientes da primeira e 3 provenientes da segunda. Uma vez que não foi possível obter uma distribuição homogênea dos estímulos por classes em umbundu, para efeitos de análise quantitativa, os três últimos estímulos foram juntados às outras classes que tinham apenas um estímulo, nomeadamente a classe **va-** e à classe **ovi-**. Assim, os resultados em umbundu são apresentados pelas seguintes categorias: a primeira integra a condição **olo-** (com 8 estímulos), a segunda integra a condição **a-/ova-**, provenientes da classe singular **e-/i-** (com 5 estímulos) e a terceira inclui as condições **a-/ova-**, provenientes da classe singular **u-/omu-**, mais as classes que tinham apenas um estímulo, nomeadamente as classes **va-** e **ovi-**, (perfazendo um total de 5 estímulos).

As tarefas foram realizadas em português e em umbundu e foram aplicadas em dois momentos separados pelo período de uma semana. Para posterior análise, gravamos as produções orais dos 56 participantes, selecionados através do BLP, que foram, posteriormente, transcritas e analisadas recorrendo a estatística descritiva e a testes não paramétricos, com ajuda do IBM-SPSS, versão 25. Saliente-se que, por razões de argumentação, incluímos os testes estatísticos na discussão dos resultados e não na secção de apresentação dos resultados.

É importante referir que, antes de aplicarmos qualquer instrumento, os mesmos tiveram de ser aprovados pela Comissão de Ética para as Ciências Sociais e Humanas, um organismo do Conselho de Ética da Universidade do Minho que tem a função de assegurar e zelar pela promoção de padrões de ética por forma a proteger e garantir a integridade, a dignidade, a honestidade e a qualidade ética nas atividades de investigação em ciências sociais e humanas que decorrem nas unidades de investigação da Universidade do Minho.

⁶ Enxada

⁷ Mulher



4.3. Questões de investigação e hipóteses

Sendo que tínhamos como finalidade compreender como se processa a aquisição da categoria do plural ao longo do desenvolvimento linguístico de falantes bilingues de português e umbundu em Angola, elaboramos as seguintes questões (Q) e hipóteses (H):

Q1. Há um desenvolvimento linguístico equilibrado (no que respeita à categoria nominal de número, em português e em umbundu) nos dois estádios de aquisição linguística de falantes bilingues em Angola?

Considerando que, quase sempre, “a escolha pelo uso de uma das duas línguas pelo falante está sujeita a diversos fatores, internos e externos, muitos deles definidos pela situação comunicativa” (Bassani, 2015: 9), formulamos, para esta questão, a H1: Não há um desenvolvimento linguístico equilibrado. À entrada na escola, os falantes têm mais dificuldades de expressar o plural em português, comparativamente ao umbundu, podendo, mediante o aumento do grau de exposição (por conta de o português ser a língua de escolarização), a situação inverter-se.

Q2. Ao longo do desenvolvimento linguístico bilingue, a capacidade de expressar o plural no nome é afetada por efeitos de erosão na língua umbundu?

Tratando-se de línguas que formam o plural de forma diferente, ao assimilar as regras de uma língua e usar esta estrutura de forma reiterada em contexto escolar, em detrimento da outra língua, existem grandes possibilidades de o conhecimento das regras da língua autóctone, que não é língua de instrução, se tornar instável por falta de uso. Considerando essa possibilidade, formulamos a H2: O uso crescente do português a alfabetização em português permite a consolidação e estabilização na aquisição das regras de formação do plural do português e favorece a ocorrência de erosão em umbundu.

Q3. Em caso de ocorrência de erosão em umbundu, que classes nominais dessa língua são mais afetadas pelo processo de erosão linguística?

A distribuição de palavras em classes nominais em umbundu obedece a critérios morfossintáticos e semânticos e, em função da realidade, é de se esperar que haja, nessa língua, classes com mais nomes do que outras. Com base nesse pressuposto, formulamos a H3: As classes nominais da língua umbundu que no plural possuem mais palavras (como é o caso da classe **-olo**) são menos afetadas pelo fenómeno de erosão do que as classes nominais que integram menos palavras (como as classes **-ovi** ou **-ova**).

Q4. Há uma relação entre o grau de erosão e o perfil linguístico dos falantes?

Em países multilingues com apenas uma língua oficial “children from linguistic minority families must learn the language of the society in order to take full advantage of the educational opportunities offered by the society” (Fillmore, 1991: 323). Ao entrar na escola, o falante bilingue passa mais tempo exposto ao português, uma vez que as aulas, lecionadas nessa língua, ocupam praticamente metade do tempo que ele está acordado e a outra parte é dividida entre a família e o meio social em que o mesmo está inserido, onde não se fala exclusivamente umbundu. Tendo em conta este aspeto, formulamos a H4: Os alunos bilingues que começaram a adquirir o português depois da nascença (entre os dois e quatro anos de idade), tendo, numa fase inicial da sua vida, sido apenas expostos ao umbundu apresentam menor grau de erosão em umbundu comparativamente aos bilingues que adquiriam o português desde a nascença.



4.4. Resultados

4.4.1. Resultados globais

O primeiro passo da pesquisa foi verificar as taxas globais de produção gramatical de plural dos participantes nas duas línguas. Os resultados são apresentados no Gráfico 1.

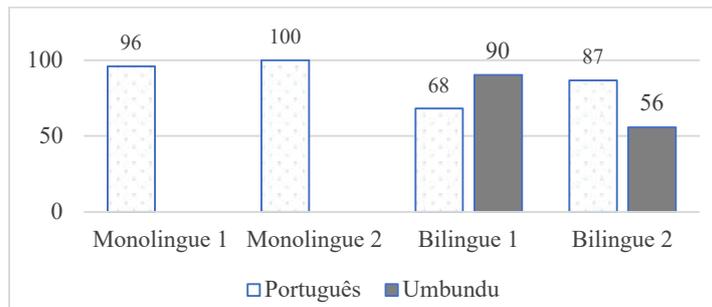


Gráfico 1 – Formação gramatical do plural em português e em umbundu

Os dados mostram-nos que os participantes monolíngues, tal como era esperado, apresentam poucas flutuações na aquisição da única língua que dominam, o português, com taxas de produção gramatical do plural a rondar os 90% (DP = 6,20) no grupo Monolíngue 1 e 100% no grupo Monolíngue 2.

Por sua vez, os falantes Bilingues 1 apresentam taxas gramaticais de produção do plural mais altas em umbundu, comparativamente ao português, isto é, 90% (DP = 22,95) e 68% (DP = 28,14), respetivamente. Porém, os resultados dos falantes Bilingues 2 mostram-nos como esta situação se inverte, ou seja, os adolescentes bilingues apresentam uma taxa global de produção gramatical do plural de 87% (DP = 24,65) em português e apenas de 56% (DP = 31,790) em umbundu. Ao contrário do que acontece com os falantes monolíngues, estes resultados mostram-nos que há uma grande variação dos resultados nos participantes bilingues.

4.4.2. Produções gramaticais por condição em português

Depois de verificados os dados globais, pretendemos saber o número de produções gramaticais dos participantes bilingues de acordo com as condições para a formação do plural nas duas línguas. Começamos por apresentar os resultados para as condições de formação do plural em português:

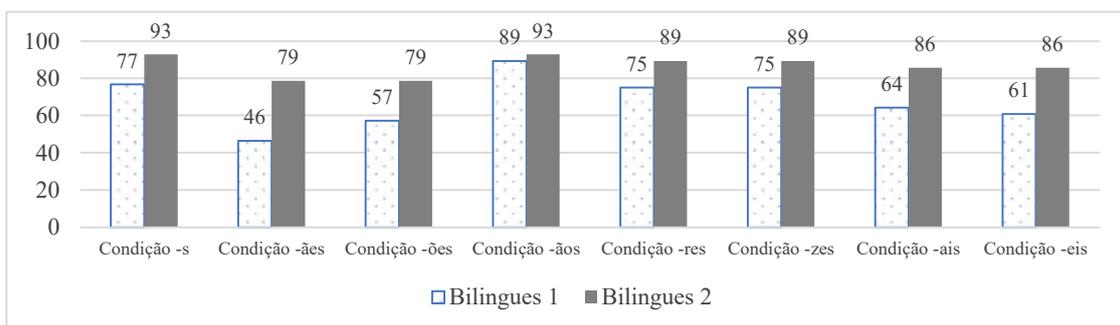


Gráfico 2 – Condições para a formação do plural em português



Os dados representados no gráfico acima mostram-nos que as taxas de produções gramaticais dos participantes bilingues variam de acordo com a condição para a formação do plural em português. Assim, para a *Condição -s*, as produções gramaticais atingem uma média de 77% (DP=26,79) no grupo de Bilingues 1 e de 93% (DP=15,28) nos Bilingues 2; para a *Condição -ães*, as produções gramaticais correspondem a 46% (DP=36,50) para os Bilingues 1 e a 79% (DP=32,31) para os Bilingues 2; para a *Condição -ões*, as produções gramaticais correspondem a 57% (DP=38,52) para os Bilingues 1 e a 79% (DP=32,31) para os Bilingues 2; para a *Condição -ãos*, as produções gramaticais correspondem a 89% (DP=28,95) para os Bilingues 1 e a 93% (DP=18,16) para os Bilingues 2; na *Condição -res*, as produções gramaticais chegam aos 75% (DP=37,98) no grupo dos Bilingues 1 e aos 89% (DP=21,29) nos Bilingues 2; para a *Condição -zes*, as produções gramaticais são de 75% (DP=37,98) para os Bilingues 1 e 89% (DP=21,29) para os Bilingues 2; na *Condição -ais*, as produções gramaticais atingem 64% (DP=41,27) para os Bilingues 1 e 86% (DP=36,31) para os Bilingues 2; e, finalmente, para a *Condição -eis*, as produções gramaticais são de 61% (DP=40,09) para os Bilingues 1 e 86% (DP=36,31) para os Bilingues 2. Estes dados mostram que, em todas as condições, os alunos mais velhos apresentam taxas de produções gramaticais mais elevadas do que os alunos mais novos. Verificamos também que, como era de esperar, para ambos os grupos, as formas mais fáceis de adquirir são a formação regular de plural com *-s* (incluindo *-ãos*).

4.4.3. Produções gramaticais por condição em umbundu

Quanto ao umbundu, as taxas de produções gramaticais de acordo com as condições para a formação do plural dos dois grupos bilingues, mostram o seguinte:

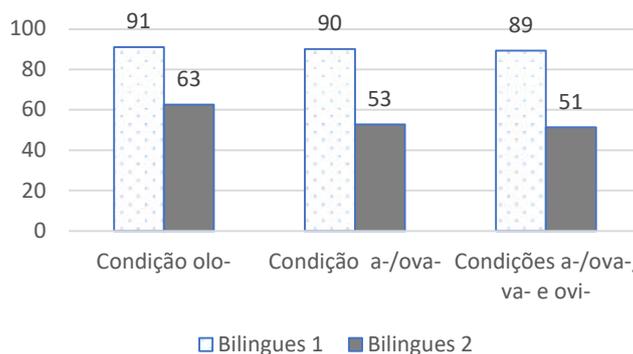


Gráfico 3 – Condições para a formação do plural em umbundu

É possível verificar no gráfico representado acima que, em todas as três condições estudadas, os alunos mais novos superam os alunos mais velhos. Na *Condição olo-*, os resultados mostram-nos que os falantes do grupo Bilingue 1 obtiveram uma taxa de produções gramaticais igual a 91% (DP=23,21) e os Bilingues 2 a 63% (DP=31,00); na *Condição a/ova-*, os Bilingues 1 obtiveram uma taxa de produções gramaticais igual a 90% (DP=21,83) e os Bilingues 2 a 53% (DP=36,46); nas *Condições a/ova-, va- e ovi-*, os Bilingues 1 obtiveram uma taxa de produções gramaticais correspondente de 89% (DP=25,55) e os Bilingues 2 uma taxa de 51% (DP=38,99). Globalmente as taxas de produções gramaticais das três condições são muito próximas dentro de cada grupo (89% a 91% no grupo Bilingue 1; e 51% a 63% no grupo Bilingue 2).



4.4.4. Idade de início de aquisição

Os dados representados no Gráfico 4 são referentes à formação do plural pelo grupo Bilingues 1 e estão organizados de acordo com a idade de início de aquisição do português dos participantes:

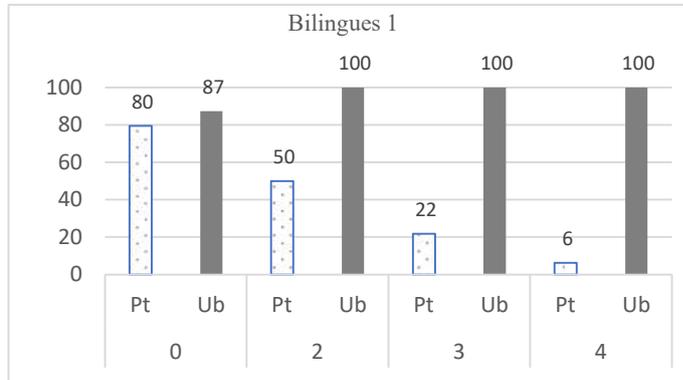


Gráfico 4 – Formação do plural em português e umbundu de acordo com a idade de início de aquisição do português (Bilingue 1)

O Gráfico 4 mostra que, quanto mais tarde os participantes começam a adquirir o português, melhores são os seus resultados de produção na língua umbundu. Note-se que todos os participantes Bilingues 1 que tiveram o primeiro contato com o português aos 2, 3 ou 4 anos, apresentam uma taxa de produções gramaticais correspondentes a 100% em umbundu e apresentam resultados muito baixos em português, isto é, de 50%, 21% e 6%, respetivamente. Os participantes deste mesmo grupo que começaram a adquirir as duas línguas desde o nascimento também obtiveram melhores resultados em umbundu, com uma taxa de produções gramaticais de 87% (DP=25,44), comparativamente ao português, em que obtiveram uma taxa de produções gramaticais de 80% (DP=16,01) na formação do plural.

Os dados representados no Gráfico 5 são referentes à produção gramatical do plural pelo grupo Bilingues 1 e estão organizados de acordo com a idade de início de aquisição do umbundu:

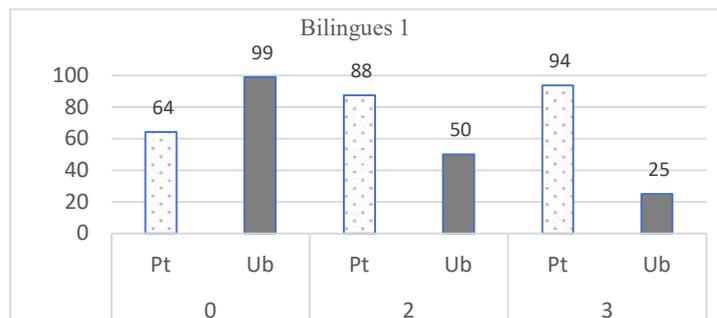


Gráfico 5 – Formação do plural em português e umbundu de acordo com a idade de início de aquisição do umbundu (Bilingue 1)



O Gráfico 5 mostra-nos que os participantes Bilingues 1 que começaram a aprender as duas línguas desde o nascimento apresentam melhores resultados em umbundu, com uma taxa de produções gramaticais de 99% (DP=2,595) na formação do plural, em relação ao português em que obtiveram 64% (DP=28,748). Porém, a situação inverte-se à medida que a idade de início de aquisição do umbundu aumenta. O participante deste mesmo grupo que começou a aprender a língua umbundu aos dois anos apresenta melhor resultado na formação do plural do português, com 88% de produções gramaticais, comparativamente ao umbundu em que a taxa de produções gramaticais na formação do plural baixa para 50%. Com o participante que começou a adquirir o umbundu aos 3 anos, esta situação acentua-se: a taxa de produções gramaticais na formação do plural em português sobe para 94% e em umbundu baixa mais ainda para 25%.

Os dados representados no Gráfico 6 são referentes à formação do plural pelo grupo Bilingues 2 e estão organizados de acordo com a idade de início de aquisição do português:

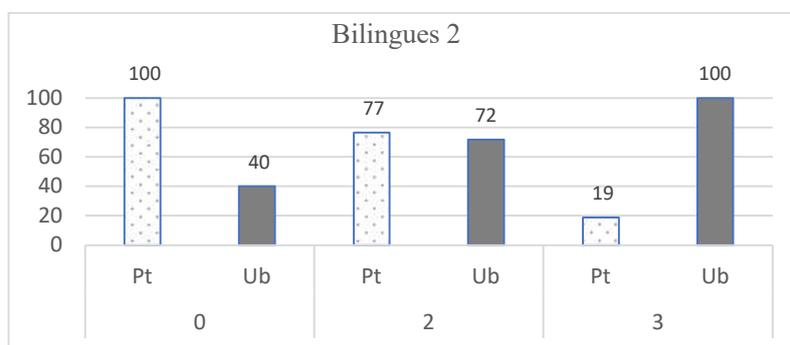


Gráfico 6 – Formação do plural em português e umbundu de acordo com a idade de início de aquisição do português (Bilingue 2)

O Gráfico 6 mostra-nos que, quanto mais tarde os participantes Bilingues 2 entraram em contato com o português, melhores são os seus resultados em umbundu e vice-versa, tal como observado no grupo Bilingues 1. Os resultados mostram-nos que os participantes que tiveram contato com as duas línguas desde o nascimento apresentam uma taxa de produção gramatical em português de 100% (DP=0,00) e em umbundu de apenas 40% (DP=22,28). Com os que tiveram contato com o português aos dois anos a situação é mais equilibrada; estes participantes apresentam uma taxa de produções gramaticais em português de 77% (DP=19,69) e de 72% (DP=33,24) na formação do plural em umbundu. Há ainda neste grupo um falante que entrou em contato com o português apenas aos três anos e este apresenta resultados muito melhores em umbundu, isto é, 100% de produções gramaticais, comparativamente ao português, 19%, na formação do plural.

Os dados representados no Gráfico 7 são referentes à formação do plural pelo grupo Bilingues 2 e estão organizados de acordo com a idade de início de aquisição do umbundu:



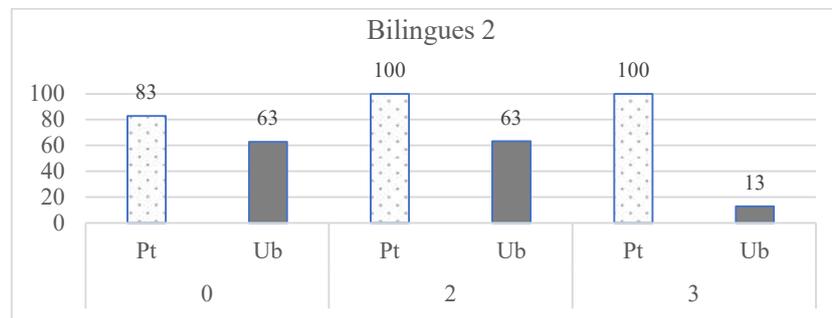


Gráfico 7 – Formação do plural em português e umbundu de acordo com a idade de início de aquisição do umbundu (Bilingue 2)

Quanto à influência da idade de início de aquisição do umbundu na formação do plural pelos participantes Bilingues 2, o Gráfico 7 mostra-nos que estes apresentam uma taxa de produções gramaticais de 83% (DP= 26,859), em português, e de 63% (DP= 29,554) em umbundu, quando a aquisição das duas línguas começa desde o nascimento. A situação acentua-se à medida que a idade de início de aquisição aumenta, ou seja, o participante que entrou em contanto com o umbundu aos dois anos apresenta uma taxa de produções gramaticais em português de 100% e de 63,3% em umbundu e os participantes que começaram a adquirir o umbundu desde os 3 anos acertam igualmente em 100% dos casos na formação do plural em português, mas apenas em 13% na formação do plural em umbundu, revelando grandes défices na competência morfológica nesta língua.

5. Discussão dos resultados

O primeiro dado a considerar a respeito dos resultados apresentados diz respeito ao desenvolvimento linguístico dos falantes monolíngues. Estes apresentam uma ligeira diferença entre si, isto é, entre os falantes monolíngues mais novos e os monolíngues mais velhos. Para verificar se esta diferença é estatisticamente significativa, corremos um teste não paramétrico Mann-Whitney.⁸ Este revela não existirem diferenças significativas entre os dois grupos ($U = 56,000, p = n.s.$). Como era de esperar, os falantes mais novos apresentam resultados ligeiramente inferiores em termos de produções gramaticais comparados aos falantes mais velhos, no entanto, a diferença mínima entre ambos revela que no momento de escolarização os alunos monolíngues já adquiriram a flexão em número na sua língua materna. Os resultados ligeiramente mais elevados dos falantes mais velhos poderão dever-se a efeitos de tarefa, ou seja, os mais velhos, por serem mais desenvolvidos a nível cognitivo e terem um grau mais elevado de instrução, têm mais facilidade na realização da tarefa.

A situação é diferente nos participantes bilingues. A taxa de produções gramaticais de 90% que o grupo Bilingues 1 obtém na formação do plural em umbundu evidencia um maior domínio linguístico do umbundu comparativamente ao português em fases iniciais de escolarização. Este grupo obteve uma taxa de produções gramaticais de apenas 68% na tarefa em português. Porém, esta situação inverte-se nos dados recolhidos dos participantes bilingues mais velhos; contrariamente aos mais novos, estes possuem maior domínio do português (com uma taxa de produções gramaticais de 87%) comparativamente ao umbundu (em que a taxa de produções gramaticais é de 56%).

Aplicamos o teste Mann-Whitney e verificamos que estas diferenças entre o grupo mais novo (Bilingue 1) e o grupo mais velho (Bilingue 2) são estatisticamente significativas tanto na tarefa em português ($U =$

⁸ Uma vez que os dados não apresentam distribuição homogénea, optamos por correr apenas testes não-paramétricos em toda a análise estatística.



93,000, $p = 0,005$) como em umbundu ($U = 69,000$, $p < 0,001$). Estes resultados obtidos na formação do plural em português evidenciam o papel do aumento de exposição ao português através da educação formal e de uma maior socialização em português no desenvolvimento linguístico bilingue dos participantes.

Os dados confirmam a nossa Hipótese 1, ou seja, parece não existir um desenvolvimento linguístico equilibrado em falantes bilingues em Angola. À entrada na escola, os falantes que crescem em famílias onde se fala maioritariamente o umbundu têm mais dificuldades em expressar o plural em português, comparativamente ao umbundu. Mediante o aumento do grau de exposição ao português, por esta ser a língua de escolarização, a situação inverte-se. Os alunos tornam-se mais proficientes a português e desenvolvem um conhecimento sólido na morfologia nominal de número na língua maioritária.

Por intermédio dos resultados globais apresentados acima, é possível igualmente comprovar a Hipótese 2, segundo a qual a capacidade de expressar o plural na língua umbundu é afetada por processos de erosão. Os falantes bilingues mais velhos apresentam resultados muito baixos se comparados aos falantes mais novos na formação do plural nessa língua.

Apesar de o presente estudo ser de carácter transversal, a confirmação destas duas primeiras hipóteses vai ao encontro dos resultados de outros estudos que analisam de forma longitudinal a questão da erosão linguística em situações de alteração do ambiente linguístico dominante (Capilla, 2007; Flores, 2008; 2010; Paradis, 2007). Há, de facto, um risco de as crianças perderem conhecimento linguístico se a redução de contato com uma das línguas se der, de forma significativa, na infância. Este parece ser o caso do umbundu na população testada.

Ao analisar os dados para verificar até que ponto as condições para expressar o plural nas duas línguas influenciam os resultados, verificamos que em algumas os participantes apresentaram mais dificuldades do que em outras. Em português, por exemplo, considerando as taxas de produções gramaticais, as condições **-s** e **-ãos** são as que se apresentam como as mais fáceis para os falantes bilingues, seguido das condições **-res** e **-zes**, **-ais** e **-eis** e as condições **-ães** e **-ões** são, para estes falantes, as que apresentam maior grau de dificuldade. Nas condições **-s** e **-ãos**, enquanto o grupo Bilingues 1 obteve taxas de produções gramaticais de 77% e 89%, respetivamente, os participantes Bilingues 2 obtiveram resultados mais altos, isto é, 93% e 93% respetivamente. Para verificar se as diferenças são estatisticamente significativas, corremos múltiplos testes Mann-Whitney (por condição), cujos resultados se apresentam na Tabela 3.

Condição	Bilingues 1	Bilingues 2	Mann-Whitney, U	p
Condição -s	77%	93%	131,000	0,085
Condição -ães	46%	79%	103,000	0,012
Condição -ões	57%	79%	134,000	0,101
Condição -ãos	89%	93%	194,000	0,968
Condição -res	75%	89%	162,000	0,376
Condição -zes	75%	89%	144,000	0,171
Condição -ais	64%	86%	134,000	0,101
Condição -eis	61%	86%	122,000	0,049

Tabela 3 – Formação do plural em português, por condição e por grupo: resultados estatísticos

Os resultados apresentados na Tabela 3 mostram que existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos bilingues nas condições **-ães** ($p = 0,012$) e **-eis** ($p = 0,049$) e marginalmente significativas na condição **-s** ($p = 0,085$).

Quanto à língua umbundu, a situação é semelhante, ou seja, há diferenças dependendo das diferentes condições. É na condição **olo-** em que os participantes obtiveram melhores resultados e as condições **a-ova-**, **va-** e **ovi-**, compiladas numa única categoria de análise, são aquelas em que os falantes bilingues apresentaram maiores dificuldades na formação do plural.



A Tabela 4 representa as diferenças estatísticas de acordo com as condições para a formação do plural em umbundu:

Condição	Bilíngues 1	Bilíngues 2	Mann-Whitney, U	p
Condição olo-	91%	63%	89,000	0,004
Condição a-/ova-	90%	53%	86,000	0,003
Condições a-/ova-; va- e ovi-	89%	53%	77,000	0,001

Tabela 4 – Formação do plural em umbundu, por condição e por grupo: resultados estatísticos

A Tabela 4 mostra-nos que há diferenças significativas entre os dois grupos em todas as condições, em umbundu. Assim, com base nos dados apresentados, é possível confirmar a nossa Hipótese 3, ou seja, as formas nominais da língua umbundu que, ao formarem o plural, selecionam as classes **a-/ovi- va-** e **a-/ovi-**, pouco frequentes no processo comunicativo, são as mais afetadas pelo processo de erosão linguística na língua umbundu. Para verificar se o desempenho dos falantes de cada grupo é estatisticamente diferente em relação às três condições, corremos um teste Friedmann (*design* intra-sujeitos) para cada grupo. Os resultados mostram que, no grupo Bilingue 1, não há diferenças estatisticamente significativas entre as três condições ($X^2(2) = 0,429$, $p = n.s$), ou seja, no início da escolarização os falantes têm igual desempenho nas várias condições de formação do plural em umbundu. Pelo contrário, no grupo Bilingue 2, o teste revela diferenças muito significativas entre as condições ($X^2(2) = 11,415$, $p = 0,003^*$). Isto mostra que, com o avançar da idade e da escolarização, os falantes perdem conhecimento das regras de formação do plural, porém a erosão parece não afetar de igual forma todas as condições.

O maior domínio de algumas condições de formação do plural na língua em erosão confirma a ideia de que os diferentes aspetos morfológicos não são igualmente vulneráveis (Flores, 2007). Aliás, já foi demonstrado por Schmid (2002) para o alemão que a formação do plural é um domínio com um elevado grau de vulnerabilidade, se comparado com outras categorias morfológicas (como, por exemplo, o género em alemão).

Numa fase inicial de aquisição do português, constatamos vários casos de transferência das regras morfossintáticas do umbundu para o português. Sendo que esta língua forma o plural adicionando um afixo no início da unidade morfológica, verificamos que, em quase todos os casos agramaticais, houve a omissão da marca do plural no fim da unidade morfológica em português. Não constatamos, em nenhum dos grupos bilíngues, casos de transferência de regras da língua dominante (o português) para a língua em erosão (o umbundu), como reporta em seu estudo Seliger (1991).

Finalmente, procuramos estabelecer a relação existente entre o perfil dos falantes, com especial destaque para a idade de início de aquisição linguística, e os resultados obtidos na formação do plural nas duas línguas. Os dados apresentados mostraram-nos que a relação existente entre estas duas variáveis é muito forte. Foi possível verificar que quanto maior é a idade de início de aquisição numa das línguas, melhores são os resultados na outra língua para o grupo de falantes bilíngues mais novos, ou seja, os participantes bilíngues que contactaram com o português entre os dois e os quatro anos apresentam melhores resultados na formação do plural na língua umbundu e os participantes bilíngues com início de aquisição do umbundu a partir dos dois anos apresentam melhores resultados em português. Porém, os falantes que começaram a adquirir as duas línguas desde o nascimento (português e umbundu L1) apresentam melhores resultados em umbundu comparativamente ao português no início da escolarização.

Um outro dado igualmente importante é que os participantes Bilíngues 1 se encontravam na faixa etária entre os seis e oito anos e a frequentar a 3ª classe do Ensino Primário angolano, ou seja, ainda se encontram na fase inicial de escolarização. Sobretudo para os participantes que começaram a adquirir o português aos dois ou aos três anos, isso significa que as estruturas linguísticas em português ainda não estavam estabilizadas no momento da recolha de dados. Espera-se, por isso, um desenvolvimento positivo do seu conhecimento linguístico do português, o que se confirma nos dados dos falantes mais velhos.



A influência da idade de início de aquisição é também verificada nos participantes do grupo Bilingues 2. Neste grupo, só os falantes que tiveram o primeiro contacto com o português aos três anos é que apresentaram resultados muito elevados na formação do plural na língua umbundu (todos a atingir taxas de produções gramaticais de 100%). Em todos os outros casos (incluindo os que começaram a adquirir o português aos dois anos) os participantes apresentaram resultados inferiores aos obtidos em português.

Considerando esse pressuposto, a Hipótese 4 fica igualmente confirmada, ou seja, os alunos bilingues que iniciaram a aquisição do português um pouco mais tarde têm menos tendências a sofrer erosão na língua umbundu comparativamente aos participantes bilingues com o português adquirido desde a nascença.

Os gráficos 4, 5, 6 e 7 ilustram bem a confirmação dessa hipótese e fica claro que, além da idade (Flores, 2007; Vago, 1991), o grau de exposição linguística ao longo da vida influencia significativamente o domínio linguístico do falante (como já o confirmaram De Bot & Clyne, 1994; Correia & Flores, 2017). Assim, uma alteração da quantidade de exposição linguística pode ter consequências no conhecimento linguístico do falante.

6. Conclusões

O ponto de partida do presente estudo incidiu sobre a possibilidade de ocorrência de erosão linguística quando o grau de exposição numa das línguas sofre alguma alteração. Associado a este propósito, este estudo tinha como fins específicos verificar se ocorre um processo de erosão na língua que não é a de escolarização – a língua umbundu. Pretendíamos saber quais as condições dessa língua que, na formação do plural, estão propensas a erosão, assim como verificar a influência do fator idade de início de aquisição sobre a competência dos participantes.

Por intermédio de um questionário selecionamos uma amostra de 56 alunos, entre monolíngues e bilingues, com poucos anos de escolaridade e à saída do 1.º Ciclo do Ensino Secundário⁹ que foram submetidos a um teste de produções provocadas que permitiu recolher dados acerca da formação do plural nas duas línguas.

Analisados os dados recolhidos, foi possível verificar que os falantes bilingues mais novos apresentam melhores resultados em umbundu comparativamente ao português, mas esta situação inverte-se nos resultados dos falantes bilingues mais velhos. Concluimos, por isso, que o umbundu sofre erosão linguística com o avançar da escolarização.

De acordo com os resultados dos participantes bilingues mais velhos, na formação do plural na língua umbundu, foi possível concluir que estes falantes apresentam erosão nessa língua e as condições **a-/ova-**, **va- e ovi-**, seguidas da condição **a-/ova-** apresentam-se como sendo as mais sensíveis ao fenómeno. Foi igualmente possível verificar que, quanto mais tarde se começa a aprender uma das línguas, mais consolidado se torna o conhecimento na outra língua, o que vai ao encontro das conclusões de estudos sobre o desenvolvimento de línguas de herança (e.g. Flores, 2015; Montrul, 2016). No que ao domínio linguístico diz respeito, é oportuno destacar a importância da escolarização na consolidação do processo de aquisição do português, a língua de escolarização, o que favorece significativamente o desenvolvimento desta língua. Porém, leva também a erosão da outra língua, à qual o falante passa a estar significativamente menos exposto.

As conclusões apresentadas representam um contributo para as descrições do processo de aquisição bilingue português-umbundu em Angola e a sua relevância está no estabelecimento de padrões de aquisição linguística, assim como na apresentação dos domínios suscetíveis de serem perdidos em consequência do desequilíbrio do grau de exposição a dados linguísticos.

Esta investigação mostra, entre outros aspetos, a necessidade da realização de estudos mais aprofundados e longitudinais na área de aquisição linguística bilingue em Angola, por ser um contexto em que este fenómeno é muito comum. Por isso, as limitações deste trabalho, que se manifestam através da seleção de uma amostra

⁹ Em Angola o I Ciclo do Ensino Secundário corresponde à 7ª, 8ª e 9ª classes.



muito reduzida e pelo facto de não podermos estudar a aquisição em um mesmo grupo em diferentes fases de desenvolvimento, constituem bons pontos de partida para futuras investigações.

Chama-se, por fim, atenção às entidades que velam pelas questões relacionadas com as políticas de língua que, de acordo com o presente estudo, o umbundu sofre erosão porque o seu uso é desvalorizado e restrito à família (e, não poucas vezes, usado apenas pelos mais velhos) no seio das comunidades, o que evidencia uma necessidade de estabelecimento de uma política de valorização da mesma e de outras línguas autóctones angolanas para impedir processos de perda linguística.

Referências:

- Bassani, Indaiá de Santana (2015) *Fundamentos linguísticos: bilinguismo e multilinguismo*. São Paulo: UFSP.
- Birdsong, David, Gertken, Libby & Amengual, Mark (2012) Bilingual Language Profile: An Easy-to-Use Instrument to Assess Bilingualism. COERLL, University of Texas at Austin: Web. 20 Jan. 2012. <<https://sites.la.utexas.edu/bilingual/>>.
- Bloomfield, Leonard (1933) *Language*. New York, NY: Holt.
- Capilla, Maria Carolina Calvo (2007) *O espanhol e o português em contato: o atrito da L1 de imigrantes espanhóis no Brasil*. Dissertação de mestrado, Brasília: Universidade de Brasília.
- Correia, Liliana & Flores, Cristina (2017) O papel do grau de exposição linguística no desenvolvimento bilingue. In: S. Rei e M. Marques (orgs.) *As ciências da linguagem no espaço galego-português. Diversidade e convergência*. Braga: ILCH/Húmus, pp. 243-261.
- Cruz, Arsénio da Silva (2013) *Estudo comparativo entre o perfil linguístico do falante urbano do Lubango e do Huambo e suas implicações no ensino do Português*. Tese de doutoramento, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Cunha, Celso & Cintra, Lindley (2014) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 21ª Edição. Lisboa: J. Sá da Costa.
- De Bot, Kees & Clyne, Michael (1994) A 16 year longitudinal study of language attrition in Dutch immigrants in Australia. *Journal of Multilingual and Multicultural Development* 15 (1), pp. 17-28.
- Fillmore, Lily Wong (1991) When Learning a Second Language Means Losing the First. *Early Childhood Research Quarterly* 6, pp. 323-346.
- Flores, Cristina (2007) Language Attrition: uma sinopse das principais questões de investigação. *Diacrítica. Série Ciências da Linguagem* 21 (1), pp. 107-126.
- Flores, Cristina (2008) *A competência sintática de falantes bilingues luso-alemães regressados a Portugal: um estudo de caso sobre erosão linguística*. Tese de doutoramento, Braga: Universidade do Minho.
- Flores, Cristina (2010) The effect of age on language attrition: evidence from bilingual returnees. *Bilingualism: Language and Cognition* 13 (4), pp. 533-546.
- Flores, Cristina (2013) Perder uma língua na infância: um estudo: um estudo longitudinal sobre erosão linguística. In: *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da APL*. Coimbra: APL, pp. 359-381.
- Flores, Cristina (2015) Understanding heritage language acquisition. Some contributions from the research on heritage speakers of European Portuguese. *Lingua* 164, pp. 251-265.
- Grosjean, François (1982) *Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press.
- Joaquim, Paulo Chuva & Luís, Sara (2016) *Estudo comparado de alguns aspectos da morfologia e da sintaxe do umbundu e do português na perspectiva de uma pedagogia preventiva no ensino do português como L2*. Luanda: E Letras.
- Lorenzino, Gerardo Augusto (2015) Retention and attrition of umbundu in São Tomé and Príncipe. *SAGE Open* 5 (4). doi:10.1177/2158244015618235



- Meisel, Jürgen Michael (1989) Early differentiation of languages in bilingual children. In. K. Hyltenstam e L. Obler (orgs.) *Bilingualism Across the Life Span: Aspects of Acquisition, Maturity, and Loss*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 13-40.
- Manuel, Félix Chinjengue (2015) *Aspectos do português falado em Benguela*. Dissertação de mestrado, Lisboa: FLUL.
- Montrul, Silvina (2016) *The acquisition of heritage languages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ngunga, Armindo (2004) *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária - UEM.
- Ntongo, Zavini (2015) *Fonologia e morfologia do Oshikwanyama: natureza e propriedades morfofonológicas da língua Oshikwanyama*. Luanda: Mayamba.
- Nzau, Domingos Ndele (2011) *A Língua Portuguesa em Angola contributos para a sua nacionalização*. Covilhã: UBI.
- Paradis, Michael (2007) L1 attrition features predicted by a neurolinguistic theory of bilingualism. In. B. Köpcke, M. Schmid, M. Keijzer e S. Dostert (orgs.) *Language attrition: theoretical perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 121–33.
- Romaine, Susanne (1995) *Bilingualism*. 2ª ed. Oxford: Blackwell.
- Schadeberg, Tchilo (1986) Tone cases in umbundu. *Aficana Linguística*, nº 10; pp. 423-423.
- Schmid, Monika (2004) First language attrition: The methodology revised. *The International Journal of Bilingualism* 8 (3), pp. 239-255.
- Seliger, Herbert (1991) Language Attrition, Reduced Redundancy, and Creativity. In. H. Seliger e R. Vago (orgs.) *First Language Attrition*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 227-241.
- Vago, Robert (1991) Paradigmatic regularity in first language attrition. In. H. Seliger e R. Vago (orgs.) *First Language Attrition*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 241- 252.
- Villalva, Alina (2003) Estrutura morfológica básica. In M. H. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte e I. H. Faria (orgs.) *Gramática da Língua Portuguesa*. 6ª edição. Lisboa: Caminho, pp. 917-983.

